

Laboratório de Crítica Literária

Jeová Silva Santana



São Cristóvão/SE
2011

Laboratório de Crítica Literária

Elaboração de Conteúdo

Jeová Silva Santana

Projeto Gráfico

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Copyright © 2011, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S2371 Santana, Jeová Silva.
Laboratório de crítica literária / Jeová Silva Santana.
– São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe,
CESAD, 2011

1. Crítica literária. 2. Análise do discurso narrativo.
3. Crítica textual. I. Título.

CDU 82.09

Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Diretor de Educação a Distância
João Carlos Teatini Souza Clímaco

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

coordenador-adjunto da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Diretoria Pedagógica
Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Diretoria Administrativa e Financeira
Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Coordenação de Cursos
Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Formação Continuada
Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Núcleo de Avaliação
Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)

Núcleo de Tecnologia da Informação
João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza
Raimundo Araujo de Almeida Júnior

Assessoria de Comunicação
Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso
Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Paulo Souza Rabelo (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria
Edvan dos Santos Sousa (Física)
Raquel Rosário Matos (Matemática)
Ayslan Jorge Santos da Araujo (Administração)
Carolina Nunes Goes (História)
Viviane Costa Felicíssimo (Química)
Gleise Campos Pinto Santana (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)
Lívia Carvalho Santos (Presencial)
Adriana Andrade da Silva (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Alves Menezes(Coordenador)
Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1	
No território da lírica: uma abordagem	07
AULA 2	
Um olhar sobre o gênero narrativo.....	17
AULA 3	
A crítica literária e o gênero dramático	25
AULA 4	
A análise textual e a crítica formalista	33
AULA 5	
A análise textual e a crítica fenomenológica	43
AULA 6	
A análise textual e a crítica estruturalista	49
AULA 7	
A análise textual e a nova crítica angloamericana.....	57
AULA 8	
A análise textual e a crítica sociológica	65
AULA 9	
A análise textual e a crítica psicanalítica	73
AULA 10	
A resenha como instrumento para a crítica literária	91

Aula 1

NO TERRITÓRIO DA LÍRICA: UMA ABORDAGEM

META

Apresentar breves noções sobre as especificidades da poesia e os modos apropriados de analisá-las com vistas ao aprimoramento teórico-crítico

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
compreender os mecanismos que tornam o texto poético um objeto de relevante valor cultural;
munir-se de apetrechos investigativos que o tornem a apto a encontrar no poema os indícios de forma e conteúdo que o configuram;
exercitar com desembaraço as propostas de análises de textos de poetas brasileiros, contemporâneos ou não.

PRÉ-REQUISITOS

Releitura antecipada dos conteúdos de Crítica Literária.

Jeová Silva Santana

INTRODUÇÃO

Caros estudantes, iniciamos aqui um breve percurso no qual tentaremos manter aceso o interesse despertado, em vocês, por disciplinas anteriores, no sentido de colocar em prática o arsenal teórico no tocante ao estudo do texto literário, mormente os que compõem a riqueza da produção brasileira desde a Colônia até nossos dias. Nesse sentido, fez-se uma recolha entre gêneros literários que configuram modos distintos de elaboração estética sobre a realidade. A ideia é apontar algumas particularidades de construções expressivas que têm na estética o objeto mais importante, com o qual autores de tempos e espaços diferenciados mantêm o interesse em torna da palavra escrita.

Assim, espera-se que, malgrado as dificuldades naturais desse percurso, atinjamos o fim maior da presente proposição: mover-se pelos universos das criações alheias tentando captar o que escondem em termos de emoção, beleza e crítica. Essa talvez seja a contribuição de curso na área de Letras: sair dele, preparado não só para as exigências do mercado, mas também para se ter o humano como destinação maior, já que vivemos entre os embates de uma sociedade marcada por redes complexas, as quais nos impulsionam, a todo momento, em buscar o cerne do afeto. Nessa perspectiva, a aproximação e o convívio com as práticas literárias tornam-se um elemento tanto para o aperfeiçoamento profissional quanto para a predisposição que tende a unir conhecimento técnico e cultural, ou seja, a prática crítica em relação aos elementos constitutivos do texto literário e a absorção do seu conteúdo estético, artístico, emocional.

Como foi visto em outras unidades, a configuração do texto poético está centrado em três pontos: expressão de uma voz interior (eu lírico), estrutura em versos, suporte rítmico. Este, um item fundamental para sua diferenciação, por exemplo, de um texto em prosa, que também pode apresentar relações contíguas, em termos de riqueza de imagens, tendo-se o ritmo como um elemento que não a limita aos usos apropriados do sinais de pontuação. Encontrar manifestações líricas nesse espaço, no entanto, independe de épocas ou conceitos literários. É o que se nota diante de uma passagem como esta, retirada do Livro do Eclesiastes:

Todas as coisas têm seu tempo
e todas elas passam debaixo do céu
segundo o tempo que a cada uma foi prescrito.
Há tempo de nascer e tempo de morrer
Há tempo de plantar e tempo de se arrancar o que se plantou
Há tempo de matar e tempo de sarar
Há tempo de destruir e tempo de edificar

[...]
Há tempos de calar e tempo de falar
Há tempos de amor e tempo de ódio
Há tempos de guerra e tempo de paz.

De saída, são perceptíveis dois registros bastante comuns na criação poética: a repetição de palavras e a oposição de ideias mediante o recurso da figura de linguagem já conhecida de todos, a antítese: “nascer / morrer”, “plantar / arrancar”, “destruir / edificar” etc.

Outra forma de confluência está em quando nos deparamos com os termos “poema em prosa” e “prosa poética” os quais apontam aproximação e não afastamento entre essas duas instâncias. Tomemos estes dois exemplos:

Num fulgor d’ouro velho o sol tranquilamente desce para o ocaso,
no limite extremo do mar, d’ águas calmas, serenas, dum espesso
verde pesado, Glauco, num tom de bronze.
No céu, de um desmaiado azul, ainda claro, há uma doce suavidade
astral e religiosa.
Às derradeiras cintilações doiradas do nobre Astro do dia, os navios,
com o maravilhoso aspecto das mastreações, na quietação das ondas,
parecem estar em êxtase na tarde (SOUSA, 1988, p. 8).

Outrora, contra a maldade humana, indignou-se o mar. Ingênuo
moralista, educado na contemplação constante das serenas esferas,
sentiu que era muita a perversão dos homens.
E os homens com terror viram erguer-se contra eles a cólera das
águas. O mar cresceu, cresceu (POMPÉIA, 1982, p. 63).



Raul Pompéia

São perceptíveis, nos dois fragmentos, a presença de elementos que, de imediato, parecem pertencer à poesia tais como ritmo, requinte do vocabulário, presença de imagens. No entanto, seus autores, Cruz e Sousa (poeta do Simbolismo brasileiro) e Raul Pompéia (romancista que transitou entre o Naturalismo e o Impressionismo), apropriam-se desses elementos e os põem em uma estrutura diferente da que se convencionou para a poesia. Assim, possibilitam-se duas leituras: a capacidade de o artista romper os limites impostos pelos gêneros literários; ao mesmo tempo em que tal cruzamento de fronteiras reflete as múltiplas mudanças por que passaram diversas sociedades nos últimos cento e cinquenta anos.

Para reforçar a perspectiva de diluição de fronteiras, formas rígidas e estanques basta o exemplo de um dos romances referenciais do Modernismo brasileiro. Nenhum leitor deixará de perceber o sopro de poesia roçando as peripécias de Macunaíma, “o herói sem nenhum caráter”, criado por Mário de Andrade.

Vejam e tirem suas conclusões sobre essas passagens:

- a) “O berreiro foi tão imenso que encurtou o tamanho da
- b) noite e muitos pássaros caíram de susto no chão e se transformaram em pedra”;
- c) “A noite vinha besourenta enfiando as formigas na terra e tirando os mosquitos d’água”;
- d) “Macunaíma ia agradecer, porém o pássaro erguendo a poeira da neblina largou numa carreira esparramada pelo campo vasto do céu”;
- e) “Lá fora a vista era uma tristura de entardecer dentro da cerração” (ANDRADE, 1985, pp. 12, 16, 73, 76).

Mais perto de nós também encontramos diversas situações cotidianas em que se faz presente aquilo que o lingüista **Roman Jakobson** chamou de função poética da linguagem, ou seja, quando esta “concerne ao relevo dado à mensagem por sua própria conta” (VALENCY, 19987, p. 193). Exemplos desse tipo de manifestação podem ser encontrados inclusive em comerciais: “Mistral, uma paixão arrebatadora”, “Há um jeito de Phebo no ar”; “Coca cola é isso aí”; manchete de jornal: “**Xapuri, no Acre, uma janela aberta para o mundo**”; letra de música: “Hoje eu tenho apenas / uma pedra no meu peito / exijo respeito / não sou mais um sonhador / chego a mudar de calçada / quando aparece uma flor / e dou risada do grande” (BUARQUE, 1984). Neste último caso ficam evidentes as possibilidades de significação que as palavras “pedra” e “flor” têm para dimensionar a insatisfação amorosa do eu lírico.

Dessa forma, sentimos que se torna mais fecundo, enriquecedor, prazeroso observamos a manifestação do uso artístico das palavras para além dos limites do poema. Este, sem dúvida, continua sendo o principal depositário

Ver glossário no final da Aula

das três características básicas da poesia: apresentar as palavras com amplos significados; a valorização do ritmo; criação de novas palavras a partir das possibilidades abertas pela própria língua. Observem como o poeta **Manuel Bandeira** (1999, pp. 199-200) utilizou-se deste último recurso:

Ver glossário no final da Aula

Neologismo
 Beijo pouco, falo menos ainda.
 Mas invento palavras
 Que traduzem a ternura mais funda
 E mais cotidiana.
 Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
 Intransitivo:
 Teadoro, Teodora.



1. Observe estes dois textos de dois dos mais representativos poetas brasileiros no século XX, um deles, Adélia Prado, ainda em atividade.

Poema de sete faces

Carlos Drummond de Andrade

Quando nasci, um anjo torto
 Desses que vivem na sombra
 Disse: Vai, Carlos! **ser gauche** na vida.

As casas espiam os homens
 que correm atrás de mulheres.
 A tarde talvez fosse azul,
 não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
 pernas brancas pretas amarelas.
 Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
 Porém meus olhos
 não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
 é sério, simples e forte.
 Quase não conversa.
 Tem poucos, raros amigos
 o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

(in: Reunião: 10 livros de poesia. 6ª. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.)

Com licença poética

Adélia Prado

Ver glossário no
final da Aula

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
– dor não é amargura.
Minha tristeza não tem **pedigree**,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.
(in: Poesia reunida. 2ª. ed. São Paulo: Siciliano, 1991)

2. Procure fazer um comparativo entre os dois textos no tocante à linguagem empregada. O que se observa de comum, nesse aspecto, nos dois poemas?

Procure rever as lições sobre a crítica formalista para melhor desenvolver sua análise atendo-se aos aspectos imanentes ao texto.

O segundo poema é uma espécie de releitura do primeiro. Qual o termo que se emprega para esse tipo de recurso?

Fica evidente, por parte dos dois poetas, a tentativa de utilizar a memória como objeto de criação e, a partir dela, posicionar-se no mundo. Como se dá essa relação? Ela é confortável? No caso do segundo poema, que elemento acentua o embate entre o “eu” e o mundo?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Nota-se que os poetas, inseridos na contemporaneidade apresentam uma linguagem em sintonia com o leitor de seu tempo. Nesse sentido, as marcas da oralidade percorrem ambos os textos. Apenas em dois instantes o leitor é obrigado a recorrer a um dicionário de língua estrangeira, fato que se torna também relevante por mostrar a busca de universalidade mediante a comunicação poética. Os versos trazem um sentido reflexivo sobre a condição humana, mostrando o esforço do eu lírico em se posicionar perante o caos do mundo. Além da presença da paródia e da intertextualidade, Adélia Prado coloca a condição feminina como ponto de apoio em relação ao poema de Carlos Drummond de Andrade.

CONCLUSÃO

Vimos, nessa breve incursão, que o texto literário transita em espaços que ultrapassam o limite do poema. No confronto com a prosa, por exemplo, é possível perceber como nela se apresentam recursos mais comuns no âmbito da poesia. Além disso, as necessidades de comunicação presentes no mundo moderno tendem a buscar no componente estético uma forma de amenizar os impactos da crescente desumanização. Assim, tanto uma manchete de jornal quanto a linguagem da propaganda podem apresentar, de vez em quando, construções frasais marcadas por uma alta carga imagética. Por fim, cabe ao leitor observar que o convívio com as práticas de leitura em relação à poesia, fundamentadas no (re) significação das palavras, na sonoridade, na criação de novos vocábulos deve se aliar ao contato permanente com as obras para assim perceber a técnica e beleza que as configuram. Nesse caso, a convivência com poetas brasileiros contemporâneos torna-se uma janela aberta para o contato com a produção de outros tempos e lugares.



RESUMO

A criação textual que resulta na poesia lírica apresenta características internas específicas cujo objetivo é estabelecer uma forma particular de se observar e conviver com as coisas do mundo. Pautado em instrumentos como melodia, imagem e expressão, o texto poético abre um campo de diálogo com outras formas de linguagem, as quais são aproveitadas para, cada um a seu modo, inserir-se nas relações sociais. No entanto, o contato permanente com o texto poético, no sentido de observar os recursos técnicos não devem ser um fim em si mesmo. A capacidade de compreender os recursos técnicos usados por poetas do presente ou do passado deve ser vista como um mecanismo para se atingir a sensibilidade, elemento fundamental para a convivência do homem com seus pares diante das complexidades do seu tempo. Nesse sentido, recursos como a paródia e a intertextualidade contribuem para mostrar que o texto literário está aberto, de modo permanente, a novas leituras, produções de sentidos e reinterpretações.



PRÓXIMA AULA

Trataremos da análise literária em relação ao gênero narrativo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. **Reunião**: dez livros de poesia. 6^a. ed. J. Olympio, 1974.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. 20^a. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Introdução à poesia**: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1989.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. cd **Chico Buarque**. São Paulo: Abril, 2010.
- PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. 2.ed. São Pulo: Siciliano, 1991.
- POMPÉIA, Raul. **Canções sem metro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- SOUSA, Cruz e. **Missal e Broquéis**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GLÓSSARIO

Roman Jakobson: (Moscou, 1896 - Boston, 1982). Linguista e filólogo russo. Antes de sua graduação (1918) participou da criação do Círculo Lingüístico de Moscou (1915) e da Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética de Leningrado (“Opoyaz”, 1917), um dos principais centros de difusão do movimento que posteriormente seria conhecido como “formalismo russo”.

Xapuri, no Acre, uma janela aberta para o mundo : Manchete do JN da Rede Globo no dia do julgamento dos assassinos do sindicalista Chico Mendes.

Manuel Bandeira : (Recife, 1896 – Rio, 1968). Um dos nomes mais importantes da poesia brasileira em todos os tempos. Deixou uma obra significativa, marcada por múltiplas facetas, entre as quais se incluem o começo marcado pela poesia simbolista e pós-simbolista francesa, que marcam seus primeiros livros, Cinza das horas e Carnaval. Ao ser acolhido pelo grupo modernista que atuava em São Paulo, mais particularmente nas figuras de Mário e Oswald de Andrade, torna-se “o São João Batista do movimento” (BOSI, 1994, p. 360).

Carlos Drummond de Andrade : (Itabira – MG, 1902 – Rio de Janeiro, 1987). Deixou uma significativa produção poética que o coloca entre os principais nomes da poesia brasileira em todos os tempos. É poeta, portanto, para se conviver além dos muros da escola. Entre suas obras destacam-se, na poesia: Alguma poesia, Brejo das Almas, A rosa do povo, Claro enigma, A vida passada a limpo. Também escreveu contos e crônica: Confissões de minas, Contos de aprendiz, Passeios na ilha, Fala amendoeira, A bolsa & A vida, Cadeira de balanço.

ser gauche : Adjetivo francês que, no contexto do poema, significa “sem jeito”, “mal-ajambrado”, “atrapalhado”.

Adélia Luzia Prado Freitas: nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, no dia 13 de dezembro de 1935, filha do ferroviário João do Prado Filho e de Ana Clotilde Corrêa. Leva uma vidinha pacata naquela cidade do interior. Iniciou seus estudos no Grupo Escolar Padre Matias Lobato e mora na rua Ceará. Tornou-se uma das vozes mais representativas da produção poética brasileira tendo como base de criação tanto um olhar sensível sobre o cotidiano quanto a busca de diálogo com aspectos religiosos e espirituais. Entre suas publicações destacam-se , na poesia: Bagagem, O coração disparado, Terra de Santa Cruz, O

pelicano, A faca no peito, Oráculos de maio, A duração do dia; na prosa: Solte os cachorros, Cacos para um vitral Os componentes da banda, O homem da mão seca, Manuscritos de Felipa, Filandras.

pedigree: Substantivo francês que significa “genealogia”, ou seja, estudo dos descendentes de uma família, grupo ou indivíduo.